

TRÊS ARTIGOS SOBRE MEUS DOIS ANOS NA RÚSSIA

Emma Goldman

ARTIGO I

MEU SILÊNCIO DEPOIS DE DOIS ANOS NA RÚSSIA

Durante minha permanência de dois anos na Rússia, apareceram na imprensa americana vários artigos que afirmavam umas tantas entrevistas comigo. Alguns diziam que eu havia me transformado, já que não acreditava na revolução, e que eu me havia convencido da necessidade de um governo. Houve até um jornal que contou a sensacional história sobre uma bandeira americana posta em meu quarto, a qual eu teria levantado um altar. Numa palavra, que havia sido professora de catecismo, onde me purgava arrependida de meus pecados contra o governo estadunidense.

Tudo isso é, por certo, um grande absurdo. Nunca estive mais convencida de meus ideais, e sempre tive as melhores provas da lógica e da justiça da Anarquia. Além do mais, não concedi entrevista alguma e nem fora possível fazê-la no meu primeiro ano na Rússia. Acreditava e continuo acreditando que o problema russo é demasiado complicado e não é fácil falar dele. É por isso que me parece que os livros escritos por pessoas que estiveram na Rússia, por algumas semanas ou meses, são superficiais.

Enquanto eu mesma tateava no escuro, jamais tornei pública uma opinião definitiva. E quando conseguira fazê-la, jamais seria para jornalistas. Considere que foi necessário manter silêncio enquanto as forças imperialistas cercavam a Rússia. E fora disso, uma experiência de trinta anos, em contato com jornalistas me mostraram que eles não são muito verdadeiros (existe, é claro, exceções), e seguramente que não seria a eles que eu exporia minhas impressões num assunto tão delicado.

Agora já se passou a hora do silêncio e considero necessário falar. Não me passam despercebidas às dificuldades que se apresentam. Sei que vou ser combatida pelos inimigos reacionários da Revolução Russa, e excomungada pelos que dizem serem seus amigos e persistem em confundir lastimosamente o partido bolchevique com

a Revolução. Por isso considero necessário concluir claramente minha posição frente a ambos.

Há quatro anos, o governo dos Estados Unidos me acusou de traição por minha ousadia em entrar na clandestinidade na noite e me obrigou a sair do país. E tudo isso porque levantei minha voz contra a guerra mundial, a destruição e a ruína seguida pela perda dolorosa de vidas. Esse foi o meu crime. E desde então, até hoje, muitos tem se dado conta que tínhamos razão em não deixarmos nos arrastar pelo furacão da guerra, já que a guerra havia sido criada e mantida por conveniências capitalistas, e da guerra pela democracia para acabar com a guerra, apenas engodos.

A despeito do esforço de alguns, o *rei-homem*, com o arrego da morte nos lábios, passeia orgulhoso pelos campos arrasados, enquanto que os que a haviam provocado, gozavam das ganâncias promovidas pela matança. E contentes com os milhões de vidas perdidas e a metade da terra devastada, encerraram o mundo em um calabouço, no qual a Liberdade dos povos, conquistada à custa de tantos sacrifícios, caía sobre o capricho de déspotas.

Os Estados Unidos democrata, em outros tempos “terra da liberdade, lar dos heróis”, Inglaterra, antigo asilo dos rebeldes do mundo, França, a que proclamou os direitos do homem, sinônimo de Liberdade, e muitos outros povos, o que são agora senão desertos espirituais, com suas portas fechadas à hospitalidade e toda iniciativa de progresso?

Somente os rugidos de multidões de desocupados e os gritos dos líderes trabalhadores presos, quebram o silêncio tenebroso do que poderemos chamar de o “Cemitério do Pensamento”. Certamente, os senhores da guerra podem estar orgulhosos de sua obra. As botas de ferro esmagam os povos. O triunfo tem sido completo. Mas, sem dúvida, algo está fora disso: é a Rússia!...

Esses amigos inseparáveis – altas finanças e militarismo – não haviam contado com a Revolução Russa. Como esse povo se atreveu a levantar uma conflagração que muito bem poderia ter espalhado a chama da revolução ao mundo inteiro, no preciso momento em que o militarismo e o capital contavam com um triunfo mundial definitivo? Algo teria de ser feito para destruir essa chama perigosa, que é a Revolução Russa.

Durante a guerra contra a Alemanha se afirmava hipocritamente: “Nós não combatemos o povo alemão, mas sim o militarismo alemão”. E a mesma afirmação

hipócrita se ouve em relação à sagrada cruzada contra a Rússia. “Não é contra o povo russo, mas contra os bolcheviques. Eles instigaram a revolução e exterminados serão”.

E o avanço sobre a Rússia começou. Os intervencionistas assassinaram milhões de russos, o bloqueio fez perecer de fome e frio, milhões de mulheres e crianças, e a Rússia se converteu em uma charneca de agonia e desespero. Destruiu-se a Revolução Russa e o partido bolchevique se fortaleceu no poder. Este é o resultado de quatro anos de conspiração contra a Rússia pelos imperialistas do mundo. Como isso ocorreu?

Sensivelmente, o povo russo foi o único que fez a revolução e que estava determinado a defendê-la a todo custo, estava demasiado ocupado na frente de batalha para se defender-se dos inimigos que tinha dentro de casa. E enquanto os trabalhadores rurais e urbanos russos ofereciam suas vidas nas trincheiras, esse inimigo interno foi-se apoderando cautelosamente e lentamente, mas com segurança, criando o Estado centralizado e destruindo os Sovietes. Este Estado, destruidor da revolução, hoje pode muito bem ser comparado, em despotismo e burocracia, a qualquer grande governo do mundo.

De minhas observações de dois anos, posso dizer que se não houvesse a guerra exterior, o próprio povo russo teria dado conta mais depressa desse inimigo interno e o teria destruído, como fizeram com Colchak e Denikin. Livre dos ataques reacionários, o povo teria compreendido as verdadeiras tendências do Partido Bolchevique, a sua inutilidade para reconstruir a Rússia e o povo trabalhador teria inoculado nova vida no corpo paralítico do país. O povo teria cometido os mesmos erros que àqueles cometidos pelos bolcheviques? Sem dúvida que sim, mas pelo menos, teria aprendido a depender de si próprio, de suas forças e de suas iniciativas, que seriam os únicos que poderiam salvar a revolução.

Deve-se a estupidez de alguns ex-revolucionários que pediram a intervenção, e aos imperialistas que a mantiveram com seu dinheiro, para que a Revolução Russa, a maior revolução da história, fosse perdida. Também se deve a eles, que os bolcheviques, acusados e perseguidos pelos poderes capitalistas, continuassem a se apresentar como o símbolo sagrado da Revolução Social.

Decidi expor essa fatal desilusão acerca da Revolução Russa, não por que tenha feito paz com os governos capitalistas, mas porque desejo prevenir um mal às futuras revoluções, mostrando os erros do governo bolchevique. Mas é/foi, a experiência mais do que qualquer teoria, que tem demonstrado a ineficácia dos governos, não importando o tipo que seja e o obstáculo, que são para as ações dos povos. Decidi expor o que tem

ocorrido na Rússia não porque tenha perdido a fé na Revolução, mas porque estou convencida de que as futuras revoluções rumarão diretas para o fracasso caso o que Lenin chama de “comunismo militarizado” se impor ao mundo.

Eu considero um compromisso para comigo mesma escrever o que escrevo: um compromisso ante a revolução, cravada na cruz bolchevique, um compromisso ante o martírio do povo russo e um compromisso diante do mundo inteiro que foi enganado. Quero cumprir esse compromisso acima das más interpretações que possam me atribuir os reacionários, das críticas de alguns radicais, ignorantes ao ocorre na Rússia.

ARTIGO II

A MORTE DA REVOLUÇÃO

AS FORÇAS QUE DESTRUÍRAM A REVOLUÇÃO

A Revolução Russa, como troca social e econômica, que tratou de remover o capitalismo e estabelecer o comunismo, deve considerar-se em falência. Ao analisar os diferentes fatores que destruíram a revolução, não é demais apreciar o papel que desempenharam os elementos contrarrevolucionários. Ao dizer a verdade, seus crimes são suficientemente odiosos para condená-los por toda a vida. Os patriotas russos (monárquicos, democratas constitucionalistas), encheram o mundo com seus clamores de intervenção. Que importava se milhões de conterrâneos e milhões de trabalhadores em outros países morressem vítimas de uma guerra contra a Rússia?

Eles viviam seguros e a salvo das balas dos soldados, da prisão, da Tcheca e da fome devastadora. Podiam, pois, jogar com o patriotismo. Mas deixemos isso por ser demais conhecido. O que não se sabe é que, os intervencionistas russos e aliados, não foram os únicos fatores do grande drama social que terminou com a morte da Revolução Russa. Outros fatores foram os bolcheviques. E é acerca disso que escrevemos.

Talvez a Revolução na Rússia nascera já sentenciada. Chegando arrastada por quatro anos de guerra, que haviam aniquilado seus melhores valores e devastado suas melhores e mais ricas comarcas. É possível que a revolução não tivesse tido suficientes

forças para resistir aos loucos arrebatos do resto do mundo. Os bolcheviques afirmam que foi culpa do povo russo que não teve a suficiente perseverança para resistir ao lento e doloroso processo de troca operado pela revolução. Eu não acredito nisso.

Aceitando que isso estivesse certo, eu insisto, sem ressalvas, de que não foram tanto os ataques do exterior, como os insensatos e cruéis métodos, mas em cujo interior que estrangularam a revolução, convertendo-a em um jogo odioso, amarrado ao pescoço do povo russo. A política marxista dos bolcheviques, elogiada num princípio como indispensável à revolução como para não ser abandonada, depois de ter introduzido o descontentamento, o antagonismo e a miséria, foi o verdadeiro fator que destruiu o grande movimento e fez perder a fé do povo.

Não há dúvida nenhuma sobre o que constituiu o maior perigo para a revolução (ataques exteriores e revoltas internas) na experiência russa. Os contrarrevolucionários, apoiados pelo dinheiro e o exército do capitalismo estrangeiro, fracassaram. Nem tanto pelo heroísmo do Exército Vermelho, quanto pelo entusiasmo revolucionário do próprio povo, que repeliu todos os ataques. Contudo, a revolução caiu destruída. Como, então, podemos explicar esse fenômeno?

As razões principais não são tão difíceis de explicar. Se a revolução tem de sobreviver, apesar de todos os obstáculos, é necessário que seu fogo se mantenha sempre vivo diante do povo. Em outras palavras, é necessário que a população sinta constantemente que a revolução é parte de sua obra, que estão participando ativamente na tarefa de construir uma nova vida social.

Durante um breve período da Revolução de Outubro, os trabalhadores rurais e urbanos, soldados e marinheiros foram, de verdade, os donos da situação. Mas, de pronto, a invisível mão de ferro do bolchevismo começou a dirigir os assuntos do Estado e separou a revolução do povo; e assim, o povo se separou da Revolução. Daquele momento em diante, começou o Estado Bolchevique.

Os bolcheviques formaram a Ordem dos Jesuítas de Marx. Não quero dizer com isto que os bolcheviques não fossem sinceros. Foi o seu marxismo que determinou sua atuação. Os diversos métodos empregados deram início à realização de seu fim. “Comunismo, Socialismo, Liberdade e Igualdade”, por tudo o que o povo russo suportou de sofrimento e operou na revolução, caiu no descrédito pelos meios empregados, pela *jesuística* desculpa de que “o fim justifica os meios.”

O cinismo mais desenfreado tomou o lugar do idealismo que distinguiu a revolução de Outubro. A inspiração caiu paralisada, o interesse popular desapareceu. A

apatia e a indiferença suprimiram o entusiasmo e a energia criadora. Não foi nem a intervenção, nem o bloqueio. Pelo contrário, a política interna do Estado Bolchevique foi a única responsável do fracasso da revolução e a única responsável também pelo ódio que o povo russo sentiu por tudo o que dela emana.

“Para que servem as trocas?” Perguntam os camponeses. “Todas as leis iguais: o povo deve sofrer”.

Foi esse fatalismo, afirmado por centúrias de submissão, que vestiu o povo com a indiferença de sua própria obra e a sua resistência passiva contra o bolchevismo. Agora os comunistas aprenderam que nem sempre o fim justifica os meios?

É bem verdade que Lenin se arrepende um pouco. Em cada novo Congresso traz uma nova *mea culpa* e em cada nova assembleia apresenta seu “eu tenho pecado”. Um jovem comunista me disse um dia: “Não me estranharia que em qualquer dia destes, Lenin afirme que a Revolução de Outubro foi um erro”.

Verdadeiramente, Lenin reconhece seus erros, o que não implica que continue com a mesma política. Cada novo experimento que trata de impor ao povo, é proclamado por Lenin e seus sequazes, como a panaceia derradeira que trará paz e a prosperidade à Rússia, e aí de quem contradizê-lo! Este será um contrarrevolucionário, um traidor, e como tal, será encarcerado.

Depois de ter enganado a Rússia e ao mundo inteiro dizendo que a estrutura social na Rússia era o comunismo, agora Lenin vêm salientando, no último Congresso Pan-Russo, que era um erro tal crença, pois na Rússia não existia o comunismo. Por dizer tal coisa, há milhares de camaradas nas prisões, e nas prisões eles continuam, apesar de Lenin reconhecer que esses camaradas afirmavam isso e que por isso foram sentenciados.

Interessante seria explicar os diferentes métodos empregados pelos bolcheviques em seu intento de enganar o povo, mas não é objeto desse artigo enumerá-los em detalhes. Concentrarei-me simplesmente em expor os principais:

O PREÇO DA PAZ

A paz de Brest-Litvosk marcou o começo de todas as posteriores calamidades. Foi a negação deliberada de tudo o que os bolcheviques tinham proclamado: paz sem indenização, livre determinação de todos os povos, abolição da diplomacia secreta. Sem ressalvas, eles compactuaram com tudo isso como se fossem um governo burguês qualquer. O preço desta paz foi a traição à Letônia, Finlândia, Ucrânia e Bielorrússia,

ou a Rússia Branca, e como resultado, vários anos de guerra civil, a desagregação das forças revolucionárias e o começo do terror vermelho, que continua ainda.

Os camponeses da Ucrânia souberam expulsar o invasor alemão, e souberam também não ouvir as perfídias bolcheviques. A presença constante de um milhão de soldados para limpar a Ucrânia dos bandidos, testemunha o carinho dos camponeses da Ucrânia para com o Estado Bolchevique. A ratificação do tratado de paz que Trotsky se negou a firmar, que Radek (então prisão alemã) declarou com a falência da revolução, foi o sinal de uma larga resistência secreta dos camponeses contra o Estado.

Os camponeses que estiveram unidos aos trabalhadores urbanos até a traição de Brest, se separaram deles e do partido comunista, que dizia representar os camponeses e trabalhadores urbanos. Lenin exigiu a ratificação como uma aspiração e um meio de afirmar a revolução. Foi um dos seus erros. Mas o mais grave foi que estrangulou a revolução.

O SISTEMA RAZVYORSTKA E OS CRIMES DA TCHECA

A *Razvyorstka*, o sistema de colheita forçada de comestíveis, seguiu na sequência à Paz de Brest. Os bolcheviques disseram que foram obrigados a apelar para este meio devido aos camponeses terem se negado a abastecer às cidades. Isso é verdade, só em parte. Os camponeses, de fato, se negaram a entregar seus produtos aos agentes do governo... Eles exigiam tratar diretamente com os trabalhadores urbanos, mas isso foi negado pelos agentes do governo. A ineficiência do regime bolchevique e a corrupção de sua burocracia contribuíram muito para o desgosto da população rural. Os fabricantes prometeram aos camponeses a troca de seus produtos, mas esses não chegavam e quando chegavam, estavam em más condições e a menos do que se combinará.

Em Kharlov, se demonstrou a ineficiência da maquinaria burocrática centralizada. No armazém de uma fábrica, descansavam fardos de maquinaria agrícola. Era uma ordem recebida de Moscou que deveria ser executada ao término de “duas semanas, sobre pena de sabotagem”, foi realizada no dito tempo, mas havia se passado mais de 6 meses sem que as autoridades “centrais” fizessem algum esforço para distribuir esse equipamento aos camponeses, que reclamavam por elas. Esse foi um dos inumeráveis exemplos da maneira como “trabalhava” o sistema de Moscou, ou melhor, como não trabalhava.

É de se estranhar, pois que os camponeses tenham perdido toda a fé sobre a habilidade do estado bolchevique de gerir as coisas como se devia? Quando os bolcheviques se deram conta de que os camponeses não admitiam mais enganações e adulações para impor a confiança, foi quando inventaram a *Razvyorstka*. Um sistema que antagonizava e amargava os camponeses, melhor não poderia ter sido inventado. Este foi o verdadeiro terror da população agrária. Roubou tudo o que tinham. Só o futuro poderá dar uma descrição adequada das terríveis consequências das medidas tão absurdas, com seu grande sacrifício de vidas e destruição.

Parecerá impossível, mas é um fato bem conhecido na Rússia de que o *Sistema Razvyorstka* foi responsável, em parte, pela fome presente. Pois os camponeses não foram só despojados da última porção de farinha, mas também foram roubadas as sementes guardadas para a próxima semeadura. Consequentemente, a escassez é a causa principal dessa horripilante situação, que vemos nos distritos do Volga. É, sem ressalva, o fato de que os camponeses poderiam ter semeado livremente no tempo certo, amenizando a fome no Volga. A expedição punitiva que se seguiu à resistência de uma aldeia contra os coletores de alimentos do governo, e sempre a cargo dos comunistas, foram sempre ataques com armas. Em vão protestavam os camponeses às autoridades locais e finalmente às de Moscou. Não lhes davam satisfações alguma. Uma anedota significativa circula na Rússia e expõe bem o ponto de vista dos camponeses frente ao sistema de colheita forçado de alimentos. Um comitê camponês foi recebido por Lenin: “Ola, dedushka!” (vovozinho), diz Lenin ao mais velho dos camponeses: “Já deve estar satisfeito, tens terras, o gado, as galinhas, já tens tudo!” “Sim!” - replicou o velho - “sim, paizinho, o terreno é meu, mas o pão, tu o levas; a vaca é minha, mas tu levas o leite; as galinhas me pertencem, mas os ovos são teus. Deus te abençoa, paizinho!”

Os camponeses assim são enganados e roubados, se rebelavam contra os comunistas. A *Razvyorstka*, a expedição castigadora, os métodos brutais e injustiças, resultaram em um forte sentimento contrarrevolucionário em todo o país. Alguns escritores escreveram que Rússia aceitou a interpretação do governo sobre o antagonismo dos camponeses. O Sr. Bertrand Russel, o mais sincero e honrado crítico que escreveu sobre a Rússia, disse na “A prática e teoria do Bolchevismo”: “Devo dizer que as razões dos camponeses para não gostarem dos bolcheviques são muito inadequadas”. É evidente que o Sr. Russell não viu os feitos da *Razvyorstka*, do contrário, teria uma opinião muito diferente.

A pura verdade é que, se os camponeses russos não fossem tão apáticos e passivos, o Estado Bolchevique não teria durado tanto tempo. Ainda assim, sua passiva resistência quase terminou com o regime bolchevique. Foi isto e não o fato de que a Razvyorstka fora inumana, o que forçou Lenin a realizar o seu atual sistema de contribuição e de livre comércio. As cooperativas russas representavam uma grande força cultural e econômica na vida do povo. Em 1918 cobriram o país com uma soma de 25.000 sucursais, num total de 9 milhões de membros. O capital que tinham invertido naquela época era de 15 milhões de rubros, enquanto que os negócios do ano anterior foram de 200 milhões.

É lógico que as cooperativas não eram organizações revolucionárias, mas um meio indispensável entre o campo e cidade. Qualquer elemento contrarrevolucionário que tivesse nas cooperativas poderia ser eliminado sem destruir a organização inteira. Mas permitir as cooperativas continuarem suas funções diminuiria o poder centralizado do Estado. Portanto, a cooperativa teria que ser “liquidada”, e desta forma destruiu também um importante fator da reconstrução russa.

Agora que as cooperativas não existem mais e um sem número de homens e mulheres, que tanto trabalho excelente fizeram, perdem suas vidas nas masmorras bolcheviques. Lenin volta a repetir “*mea culpa*”. As cooperativas são reestabelecidas, o cadáver ressuscita. Um pouco antes das cooperativas retornarem à legalidade, Piotr Kropotkin - já enfermo de morte - expressou o desejo de que seis cooperadores de Dmitrov deveriam ser postos em liberdade. Os havia conhecido intimamente como bons e devotos trabalhadores. Haviam passado 18 meses em Botirka, prisão de Moscou, por causa de sua lealdade ao trabalho. Foram postos em liberdade assim que Lenin declarou que a cooperativa deveria ser ressuscitada. É quase improvável que voltem a ter sua antiga força e importância dentro do estado bolchevique.

A Tcheca, a Comissão Extraordinária Pan-Russa é, sem dúvida alguma, a medida mais obscura do regime bolchevique. Foi organizada pouco depois dos bolcheviques terem subido ao poder com o propósito de competir com a contrarrevolução, a sabotagem e a especulação. Primeiramente, a Tcheca era controlada pelo Comissariado Interior, os Sovietes e pelo Comitê Central do Partido Comunista.

Gradualmente chegou a ser a organização mais poderosa da Rússia. Não era só um Estado dentro do próprio Estado. Toda a Rússia, até a mais remota aldeia, estava coberta pela rede da Tcheca. Todos os departamentos da extensa maquinaria da burocracia tem uma comissão extraordinária, onipotente sobre a vida ou morte do povo

russo. Requereria a maestria de um Dante para explicar ao público o inferno criado por estas organizações, a brutalização, o efeito desintegrante que tem sobre as próprias comissões próprias, o temor, a desconfiança, o ódio, o sofrimento e mortes que tem trazido à Rússia.

A cabeça da Comissão Extraordinária Pan-Russa é Dzerzhinsky. Ele, assim como todos os membros que o acompanham, são comunistas “aprovados”. Numa manifestação pública, Dzerzhinsky disse: “Aterrorizamos os inimigos do Governo dos Sovietes... Temos o poder de assaltar, confiscar as mercadorias e o capital, efetuar prisões, indagar, julgar e condenar àqueles que consideramos culpados, e executar a pena de morte”.

Em outras palavras, a Tcheca é a espiã, a polícia, o juiz, o carcereiro e o verdugo. Continua dizendo entre outras coisas: “Ao tratar com os inimigos dos Sovietes da Rússia, é necessário usar métodos de tortura para obter confissões deles, e então despachamo-los para o outro mundo”.

O leitor não deve acreditar que a Tcheca tenha progredido desde 1918. O verão passado, quando o que se diz sobre o complô do Prof. Tagantsev, foi descoberto que em Petrogrado, se empregava os métodos de tortura pela sede, onde houveram espancamentos e tomaram outros meios eminentemente “revolucionários”. Esta informação que me chegou, não por intermédio dos contrarrevolucionários, mas sim por um comunista sincero que foi um dos presos e, conseqüentemente, testou os resultados dos métodos tchekistas. Um comunista preso entre os contrarrevolucionários? O que fazia ali? É muito simples. Quando a Tcheca joga sua rede, pesca de tudo, inocentes e culpados; a maioria, inocentes. Pois como se pode acreditar que sessenta e oito pessoas estavam envolvidas em uma conspiração, sem que toda a cidade soubesse? No entanto, sessenta e oito pessoas foram fuziladas em Petrogrado no verão passado por causa do “complô” de Tagantsev. E isto é uma pequena porcentagem dos inocentes que morreram nos porões da Tcheca. Muitas vezes foram aqueles que fizeram demandas ao governo para suprimir os poderes dessa terrível organização. Isto se tentou fazer durante o outono de 1920 em Moscou, mas imediatamente, “o crime e a rapina” se multiplicou. É natural, a Tcheca tinha que provar que eles eram indispensáveis ao estado bolchevique. Por cuja causa se dava o voto de confiança a Dzerzhinsky, e foi publicado no Pravda.

Zinoviev, em uma das seções do Soviete de Petrogrado, manifestou que Dzerzhinsky era “um santo devoto à revolução”. A história da idade obscura, se

encontra cheia de tais santos. O quão terrível é o regime bolchevique que tem de imitar o passado sombrio.

Em relação a isso, é interessante lembrar que o partido tomado pelos bolcheviques em 1917, quando o governo provisório tentou restaurar a pena capital para os desertores do exército, naquele tempo os bolcheviques protestaram energicamente contra tal brutalidade. Manifestaram a barbaridade que era a pena de morte e a degradação para a humanidade. Depois da Revolução de Outubro, no Segundo Congresso Pan-Russo dos Sovietes, os bolcheviques - junto com o elemento revolucionário - votaram pela abolição da pena capital. Agora, o sistema usado pela Tcheca é a das represálias, aprovado por um santo comunista e sancionado pelo estado comunista.

OS SOVIETES

Chamar a Rússia atual de Rússia Soviética ou regime bolchevique de Governo Soviético é um absurdo. Os soviets tiveram sua concepção na Revolução de 1905, e voltaram a nascer na Revolução de Fevereiro. Tem tanta relação com o Governo Bolchevique como com a Igreja Cristã. Os soviets de trabalhadores rurais e urbanos, marinheiros e soldados, foram a expressão espontânea das energias liberadas do povo russo. Eles representam as necessidades da população, articuladas depois de séculos de silêncio. Já em maio, junho e julho de 1917, a força dinâmica dos soviets instigaram os trabalhadores a ocuparem as fábricas e os campos.

Os soviets se esparramaram rapidamente por toda Rússia, inflamando a Revolução de Outubro e continuaram funcionando por muitos meses depois daquele feito. Alguns políticos sociais não puderam compreender seu significado, e os soviets os barraram sensivelmente. O mesmo ocorria aos bolcheviques que tentavam frear o avanço deste movimento. Mas Lenin é um jesuíta muito sagaz e se mesclou ao grito popular: “Todo poder aos Soviets”. Quando ele e seus satélites estavam firmes nas selas, começando com a destruição dos soviets. Hoje, não são mais do que - como tudo na Rússia - uma sombra de um cadáver.

Os soviets agora propagam somente as decisões do Partido Comunista. Não há mais opinião política que possa se propagada neles. O método de eleições usado pelos comunistas encheria o Tammany Hall de inveja. Quando cheguei na Rússia, um

proeminente comunista me disse que “Boss Murphy” e Tammany Hall não tinham nada que ensiná-los. Não acreditei nele naquela hora, mas logo percebi que dizia a verdade.

Os bolcheviques fazem uso de todos os meios para aumentar o voto comunista. Se as opiniões não os agradam, então apelam para a ameaça de tirar o pagamento ou de prender. Os eleitores já sabem o que esperar, e é evidente o porquê dos comunistas obterem invariavelmente uma maioria dos votos. Apesar disso, os mencheviques, tal qual faziam os antigos cristãos, tem a esquerda dos socialistas revolucionários, e alguns anarquistas que tem seus representantes eleitos, o que não é pouco dizer da Rússia Bolchevique.

Sem imprensa, privados de liberdade da palavra, e sem permissão legal para propaganda nas fábricas, é quase um milagre que opositores tenham um lugar nos sovietes. Mas em relação a expressar suas opiniões e a serem ouvidos, seria como se não estivessem lá. Os comunistas se encarregam de que, tudo que não seja comunista, não seja ouvido. No caso de um anarquista conseguir um mandato para o soviete, o governo se recusa a credenciá-lo e encaminha-o, quase sempre para a Tcheca. Em 1920 estive em um comício de eleições que teve lugar em um clube de fábrica em Moscou. Já era a segunda vez em que o governo se negava a reconhecer o representante dos trabalhadores - um anarquista. Apesar de que, o candidato oposto naquele distrito era Semashko, o Comissário de Saúde, os trabalhadores elegeram pela terceira vez, um anarquista. Em vão Semashko cometia abusos e boatos falsos, em vão metia seus punhos nas caras dos trabalhadores, e os ameaçava. Os trabalhadores riam e troçavam dele, e elegeram um anarquista. Pouco meses depois, foi preso e depois solto, após uma longa greve de fome, isto porque a missão inglesa de trabalhadores em Moscou e os bolcheviques queriam evitar escândalo. Antes que sair de Moscou, em 10 de Dezembro de 1921, três anarquistas, membros dos sovietes, foram presos. Um foi desterrado da capital, os outros foram acusados de bandidagem e “conspiração subterrânea”, acusação sem defesa ou julgamento, com execução por fuzilamento. Teriam sido demais francos no soviete e, portanto, havia de expulsá-los. Podemos ver que não há independência no soviete de Moscou ou qualquer outro. Nem sequer o ordinário comunista tem muita liberdade de fala. No soviete, assim como em todo o governo bolchevique, a “ditadura do proletariado” está nas mãos de um pequeno grupo, o círculo interior, que é quem só governa a Rússia e seu povo. O que foi um ideal, a expressão livre de um trabalhador, de um camponês e de um soldado, tem se tornado uma farsa, e o povo não quer e não entende.

REMINISCÊNCIAS DE KROPOTKIN E VISITA AO GRANDE REFORMISTA

Entre os que eu desejava ver quando cheguei à Rússia em Janeiro de 1920, era Piotr Alexeivitch Kropotkin. Imediatamente averigui a forma de encontrá-lo. Informaram-me que o único meio de encontrá-lo seria quando fosse à Moscou, pelo fato de que Kropotkin vivia em Dmitrov, uma pequena aldeia, a umas 60 léguas de distância da cidade. Como o país estava tão devastado pela guerra, não me veio outra ideia do que esperar uma oportunidade de ir a Moscou. Mas, afortunadamente, me veio uma oportunidade.

Em princípios de março, vários comunistas proeminentes foram a Moscou, como Radek e Gorky, e me deixaram ir junto, de carro. Quando cheguei em Moscou, procurei as vias de chegar a Dmitrov, mas também haviam obstáculos. Viajar estava descartado. O tifo estava em seu apogeu e as estações ferroviárias estavam abarrotadas de gente que esperavam semanas inteiras para pegarem os trens. Quando chegava um trem, uma luta bestial se seguia por algum espaço nos vagões. Quinhentas pessoas se aglomeravam em um vagão que comportava apenas cinquenta. Famintos e cansados, subiam até nos tetos dos vagões, sem se preocupar com o frio intenso, e do perigo de caírem. Não havia viagem que não contasse com várias vítimas que pereciam congeladas. Eu estava desanimada, pois ouvira que Kropotkin se encontrava enfermo e temia que não vivesse até a primavera. Não me atrevera a pedir um carro especial nem podia reunir suficiente energia para ir de forma comum. Uma circunstância inesperada surgiu e me tirou desse dilema. O editor do jornal Herald de Londres, acompanhado de um de seus correspondentes me haviam precedido a Moscou. Eles também queriam visitar Kropotkin e conseguiram um carro especial. Junto com Alexander Berkman e A. Shapiro pude me reunir com o Sr. Lansbury e fazer a viagem a salva.

A casa de campo de Kropotkin estava situada detrás de um jardim, a pouca distância da rua. Na escuridão da noite se notava apenas uma só opaca luz de uma lâmpada de querosene que alumia o caminho até a sua casa. Logo percebi que a querosene era escassa na casa de Kropotkin e que era necessário economizá-la. Depois de que Piotr fazia o seu trabalho diário, a mesma lâmpada tinha de ser usada na sala onde a família se reunia à noite. Fomos muito bem recebidos por Sofia Kropotkin e sua filha, quem nos conduziram à habitação onde estava o grande homem.

A última vez que o tinha visto foi em 1907 em Paris, depois do Congresso Anarquista de Amsterdam. Kropotkin, que muitos anos foi proibido de entrar na França,

acabava de receber a permissão de voltar. Naquele tempo, tinha sessenta e cinco anos, mas aparentava ser mais jovem. Foi grande a inspiração para todos os que tiveram a sorte de ter algum contato. Nada fazia acreditar que Piotr Alexivitch fosse mais velho, mas isso não foi o que ocorreu em março de 1920. Me surpreendi com a sua transformação, ele estava enfraquecido, extenuado. Ele nos recebeu com a sua graça característica. Desde o princípio, compreendemos que a nossa visita não poderia ser satisfatória. Piotr não poderia falar com franqueza na presença de dois desconhecidos e ainda mais sendo correspondentes. Depois de uma hora de amenidades, pedimos à Sra. Kropotkin e Sacha que entretencem os visitantes ingleses, enquanto falávamos em idioma russo com Kropotkin. Além de meu interesse em sua saúde, estava também muito desejosa de receber dele alguma luz sobre os assuntos de importância que começavam a perturbar minha mente, como a relação dos bolcheviques com a revolução, os métodos despóticos que, segundo me asseguravam, foram impostos pelos governantes pela intervenção e pelo bloqueio. O que pensava Kropotkin disso e como explicaria o seu largo silêncio?

Não fiz nota alguma sobre nossa conversa e só darei a essência dela. Este foi o efeito que a Revolução Russa levou o povo a uma grande altura e havia enfeitado o caminho para as grandes mudanças sociais. Se então permitissem ao povo que usassem suas energias, a Rússia não estaria agora nessa situação arruinada.

Os bolcheviques, que foram empurrados à frente pela orla revolucionária, se dedicaram aos “cantos das sereias revolucionárias”, conseguindo com isso, a confiança da população e a ajuda dos militares revolucionários. No início de outubro, os bolcheviques se empenharam em subordinar o interesse da revolução à edificação da ditadura, e isto paralisou toda a atividade social. Kropotkin se referia à Cooperativa como o meio principal, que em sua opinião, poderia unir os interesses dos trabalhadores rurais e urbanos. Mas essas cooperativas foram as primeiras que haviam sido destruídas. Falou acaloradamente sobre a depressão, perseguição e cruel emboscada a qualquer sombra de sua política ou opinião, e citou numerosos exemplos da miséria e do sofrimento do povo. Sobretudo, estava mais firme contra o Governo Bolchevique por ele ter assim desacreditado o povo russo do Socialismo e do Comunismo.

AS RAZÕES DE SEU SILÊNCIO

Por que então não havia se levantado contra estes males, contra a máquina que estava absorvendo o sangue e a vida da revolução? Duas razões apresentou Kropotkin:

A primeira por estar proibido na Rússia pela livre expressão de suas opiniões, e a segunda por não obstaculizar a marcha do Governo Bolchevique nos momentos em que este era atacado pelas forças combinadas imperialistas da Europa. As mulheres e crianças estavam morrendo de fome devido ao bloqueio criminoso, portanto, ele não podia tomar parte nos gritos dos ex-revolucionários de “CRUCIFIQUEM!”. Ele preferiu guardar silêncio até agora.

E ainda mais, protestar contra o governo era completamente inútil. O Governo mantinha seu poder acima de tudo e não perderia tempo em considerações da oposição. E logo acrescentou: “Creio que sempre expusemos o real significado do marxismo ao povo. Por que a surpresa agora?” Indaguei-o se havia feito notas de suas impressões e observações. Seguramente ele devia saber da importância dessas informações para seus companheiros e aos trabalhadores de todo o mundo. Kropotkin me fitou um momento e logo disse:

Não, eu não escrevo, é impossível escrever quando se encontra entre tanto sofrimento, quando a cada hora que passa, novas notícias de tragédias e misérias que não podemos ajudar. E ainda existe a total falta de sigilo e segurança pessoal. A todo instante, surge o perigo de uma invasão noturna pela Tcheca, que vasculharia todos os cômodos da casa e levariam até o último pedaço de papel. Sobre tremenda tensão, não há como arquivar material e informes. Mas há algo fora dessas considerações que é o meu livro sobre ética, e eu trabalho apenas algumas horas diárias, e assim, ainda tenho muito que fazer.

Tínhamos monopolizado nosso companheiro por muito tempo, e ainda havia muita coisa para se falar, mas não naquela noite. A conversa voltou às amenidades, mas já era muito tarde e nosso amigo estava cansado e assim nos despedimos. Voltaríamos na primavera, quando teríamos mais tempo para conversar.

Depois de um carinhoso abraço, costume de Kropotkin a todos que amava, nos dirigimos ao carro. Meu coração estava pesado ao pensar que, na grande Rússia, meu espírito estava confuso pelo que tinha acabado de ouvir. Também me alarmou as condições físicas que encontrei o companheiro. Temi que não chegaria a primavera. O inverno de 1920 foi uns dos mais terríveis, as pessoas morriam de fome, de tifo e pensar que Kropotkin poderia falecer, sem que o mundo soubesse o que entendia da Revolução Russa, seria aterrador. Eu me sentia impaciente. Kropotkin tinha combatido todo o despotismo dos czares. Por que ele não podia escrever agora? Mais tarde compreendi o porquê dele não poder escrever sobre a Rússia atual. Em Julho de 1920, voltei a

Moscou, eu estava com a expedição do Museu da Revolução a caminho da Ucrânia. Nesses dias, Sacha Kropotkin veio me ver. Havia obtido um carro de um oficial do governo, e desejava que Alexander Berkman e eu fôssemos a Dmitrov. Saímos no dia seguinte e chegamos em poucas horas. O jardim que rodeava a casa de Kropotkin estava florido e a folhagem cobria a casa. Kropotkin estava dormindo a sesta, mas se levantou assim que chegamos, se juntando a nós. Havia melhorado muito, já se encontrava cheio de energia e de vida.

Imediatamente nos levou à horta que havia sido trabalhada quase exclusivamente por Sofia Kropotkin, orgulho de Kropotkin e a principal provedora da família. Ele se orgulhava que ele havia desenvolvido uma nova espécie de alface. Kropotkin nos convidou a comê-las. A primavera operara milagres nele. Era outro homem.

Os primeiros sete meses de minha estadia na Rússia haviam quase me consumido. Cheguei com tanto entusiasmo, com tal desejo de dedicar-me por completo ao trabalho, à santa defesa da revolução, que o que encontrei me atordoou por completa. Não podia fazer nada. A roda do Estado Socialista havia paralisado minhas energias. Os sofrimentos e as desgraças do povo, ouvir as suas necessidades, a perseguição e a repressão desconcertaram minha mente e a vida me tornou insuportável.

Foi a revolução que transformou os idealistas em bestas feras? Se foi, então os bolcheviques eram meros peões de xadrez nas mãos do inevitável. Seria o caráter frio do Estado que com más intenções havia se emparelhado com a revolução e a guiava para o beco sem saída do Estado necessário? Não podia eu contestar estas perguntas, ao menos em 1920. Quem sabe se Kropotkin tivesse conseguido.

ÚLTIMA ENTREVISTA COM KROPOTKIN

Minha segunda visita a Kropotkin durou uma hora. Durante esse tempo, Piotr falou em detalhes sobre a Revolução Russa, a parte levada a cabo pelos bolcheviques, a lição dada aos anarquistas em particular e ao mundo em geral. Ele considerava que a Revolução Russa era maior, em princípios e finalidades, do que a Revolução Francesa, pois apesar de que tenha sido popular sem tanto desenvolvimento, se adaptava melhor às concepções da nova vida. O espírito das massas durante a Revolução de Fevereiro e de Outubro demonstrou que o povo entendia das grandes mudanças que se esperava e que estava disposto a colocar tudo para seu intento.

O povo sabia que tinha diante de si, algo enorme que teria de enfrentar, organizar e administrar. Aquele espírito, enfrentado hoje pela fome e pela perseguição, ainda está em evidência. A melhor prova dele é a resistência que o povo russo apresenta diante do jugo bolchevique. Os bolcheviques, em sua marcha pelo poder, estavam muito convencidos de serem a vanguarda da revolução, como eles mesmos alegam. Mas é o contrário: são a barragem que detiveram a crescente onda de energias do povo.

Em sua ideia fixa de que somente uma ditadura pode dirigir e proteger a revolução, foram fortalecendo seu formidável Estado, o qual está destruindo a revolução. Como marxistas, nunca se deram ou darão conta de que a única proteção da revolução depende da habilidade do povo de se organizar economicamente. No mais, Kropotkin explicou que havia expresso seu ponto de vista da Revolução Russa, a qual acredito ter sido publicado extensamente.

Kropotkin também falou da parte em que os anarquistas tomaram na revolução, falou da morte de alguns, do heroísmo de outros, da luta de muitos e da irresponsabilidade de alguns. Sobretudo, afirmou a necessidade de que os anarquistas estivessem melhor equipados para a reconstrução do trabalho durante a revolução. Recordo claramente suas próprias palavras:

Nós, os anarquistas, temos falado muito sobre a Revolução Social. Mas, quantos de nós temos nos preparado para o trabalho durante e após a revolução? A Revolução Russa tem demonstrado a imperativa necessidade dessa preparação, de um trabalho prático e construtivo.

Em uma carta dirigida a um dos seus mais íntimos amigos, Kropotkin diz que chegou a ver, no sindicalismo, a base econômica do anarquismo, ou seja, o meio para a organização econômica e a expressão das energias do povo durante o período revolucionário.

Foi um dia memorável! O último que passaria junto ao grande homem. Quando fui chamada para cuidar de sua última enfermidade, cheguei a Dmitrov uma hora após a sua morte. A confusão de costume, ineficiência e demora burocrática, me roubou a oportunidade de oferecer a Kropotkin algum serviço como pagamento ao bem estar que ele me fez. Duas coisas me chamaram a atenção em Kropotkin durante ambas as visitas: a falta de rancor frente aos bolcheviques e o fato de não mencionar seus próprios sofrimentos e privações. Foi depois de sua morte que soube de alguns detalhes de sua vida sob o regime bolchevique. No início de 1918, Kropotkin reuniu um grupo dos mais

hábeis especialistas, em vários ramos da economia política. Seu propósito era de preparar um estudo minucioso sobre os recursos econômicos da Rússia, distribuí-lo para auxiliar na prática a reconstrução da Rússia.

Kropotkin foi o editor-chefe desse grupo. O volume foi preparado, mas não publicado. Esse grupo científico ficou conhecido pelo nome de Liga Federalista e foi destruído pelo governo assim como todo material confiscado. As habitações de Kropotkin foram requisitadas duas vezes e a sua família foi obrigada a buscar albergue em outro lugar. Depois desses transtornos é que Kropotkin se mudou para Dmitrov, onde se manteve em desterro involuntário. Ainda no verão, estava muito difícil de visitá-lo, porque era necessária uma permissão especial para viajar e, para obtê-la, necessitava de muito tempo e esforço, pois no inverno era quase impossível. Assim, aquele que havia reunido em sua casa as melhores cabeças e ideias do mundo, estava agora confinado a uma vida de reclusão.

Seus únicos visitantes eram os pobres trabalhadores rurais, de sua aldeia, sem muitos conhecimentos e com demandas do cotidiano. Lembro que na noite da nossa visita, Kropotkin havia recebido uma carta de um amigo de Moscou, um cientista que vivia com sua esposa e dois filhos numa habitação. Uma lamparina somente iluminava a mesa sobre a qual as crianças estudavam suas lições. A sua esposa copiava alguns manuscritos, enquanto que ele usava um canto para executar seus trabalhos de química. Estava empregado em um lugar a doze “*verstas*” de sua casa e tinha que caminhar tal distância diariamente. Kropotkin, que por meio de muitas publicações em vários idiomas, se mantinha em comunicação com o mundo inteiro, agora estava completamente ilhado desse contato.

Nem poderia inteirar-se do que ocorria em Moscou e em Petrogrado. Suas únicas fontes de notícias eram os periódicos e jornais do governo: Pravda e Izvestiya. Em Dmitrov, seu trabalho sobre ética não avançava. Não podia conseguir os livros científicos necessários. No fim, Kropotkin era mais torturado por uma fome mental do que a má nutrição física. Recebia o pagamento e alimento melhor do que a maioria, mas era insuficiente para manter a sua vitalidade.

Afortunadamente, Kropotkin recebia auxílios de vez em quando, através de seus companheiros do estrangeiro, assim como da Ucrânia, que lhe enviavam mantimentos. Também recebia agrados similares de Makhno, então aclamado pelos bolcheviques como o terror das forças contrarrevolucionárias no sul da Rússia. Mas a falta mais notável era a dos combustíveis e de luz. Quando visitei a Família Kropotkin em 1920, se

consideravam muito afortunados em ter luz em mais de uma habitação. Durante uma parte de 1918 e todo o ano de 1919, Kropotkin escreveu suas “Éticas” sobre a tênue luz de uma lâmpada de azeite, a ponto de quase ficar cego permanente. Durante as curtas horas do dia, transcrevia seu material em máquina de escrever lentamente e dolorosamente a cada golpe da letra. No entanto, não era seus próprios sofrimentos que fazia piorar as suas forças. Era a Rússia, os sofrimentos dos que o rodeavam, a supressão de todo o pensamento, a perseguição e o encarceramento dos que tinham uma opinião, uma infinidade de iniquidades cometidas contra o povo, que faziam de seus últimos anos a mais profunda tragédia.

Se tivesse algo para fazer que aliviasse os sofrimentos, para trazer de volta os ditadores da Rússia à razão... Mas não, ele não podia. Não podia de nenhum modo igualar-se àqueles da Guarda Revolucionária que fizeram causa comum com os inimigos da revolução. E ainda que encontrasse um meio de publicar seu protesto na imprensa europeia, os reacionários fariam uso contra a Rússia. Não, não podia fazer isso e sabia muito bem que era inútil protestar ante o governo bolchevique.

No entanto, era tão grande a sua angústia, que em duas ocasiões Piotr Kropotkin se dirigiu aos ouvidos de mercadores. Uma vez num protesto contra a terrível represália, a outra contra a supressão das publicações que não eram do Estado.

Desde que a “Tcheca” começou a sua sinistra existência, o governo bolchevique sancionou o sistema do terror. Mães, anciãs e jovens, pais, irmãs e irmãos, e até crianças tem sido vítimas das represálias, muitas vezes por causa de delitos de um de seus próprios ou às vezes dos quais eles nem estavam cientes.

Em Outono de 1920 os mencheviques que emigraram para Europa, ameaçaram com retaliação se a repressão contra seus companheiros continuassem. O governo bolchevique anunciou na imprensa oficial, que por cada comunista que morresse, dez mencheviques seriam abatidos. Foi então que os famosos revolucionários Vera N. Figner e Piotr Kropotkin enviaram seu protesto aos poderes moscovitas, dizendo que o costume de reprimir era uma mancha para a Revolução Russa, um dragão que deixava um rastro de destruição por onde passava, que o futuro jamais perdoaria métodos tão bárbaros. O segundo protesto se fez em contestação ao atentado do governo que “liquidou” todas as editoras que tivessem vínculo político, com cooperativas ou mesmo particulares. Este protesto foi dirigido ao Congresso Pan-Russo de todos os Sovietes. É interessante ver aqui que Gorki, um oficial do Comissariado da Educação, enviou um documento similar na mesma época, mas de Petrogrado.

Kropotkin, em suas manifestações, fez menção do perigo que tal ataque fazia ao progresso e, sobretudo, ao livre pensamento. Tal monopólio estatal sobre o pensamento faria impossível todo o trabalho criativo. A situação da Rússia, durante os últimos quatro meses foram as provas convincentes disso.

Uma das características que sobressaía em Kropotkin era a sua resistência no que concernia a si próprio. Nas 36 horas em que passei junto ao seu cadáver fiquei sabendo muito mais da sua vida pessoal do que dos tantos anos que o conheci. Muitos poucos de seu círculo de amizade sabiam que ele era um grande artista e um notável músico. Entre seus pertences encontrei uma coleção completa de desenhos de grande mérito. Ele amava música apaixonadamente e era um músico de grande habilidade, e em seus momentos de ócio, passava em frente ao piano, onde encontrava, sem dúvida alguma, sossego e paz, interpretando os mestres com profundo sentimento. Seu cadáver colocado no escritório parecia estar dormindo tranquilamente e seu semblante se conservava afável como em vida. Ali descansava o grande filho da Rússia. O que durante lutas e privações permaneceu sempre leal à revolução e não a abandonou. Não chegou a ver erigido o monumento capitalista sob a tumba da Revolução. Mas isso não roubaria a sua crença na insurgência popular, o triunfo final de uma revolução libertária.

OS SINDICATOS SÃO SUBMETIDOS À DITADURA BOLCHEVIQUE

Os “sindicatos” da Rússia, ainda que jovens, começaram em 1905, como organizações muito ativas. Tinham de ser para contrapor às perseguições do Czar, e apesar de que, naquele tempo, tinham de trabalhar ocultamente, e, no entanto eram um fator muito importante na luta econômica do trabalhador russo. Este fato foi demonstrado pela força, pouco depois da Revolução de Fevereiro.

Os “sindicatos”, imbuídos com o novo espírito que nasceu na Rússia, já não se contentavam apenas com mudanças políticas. Suas ideias eram de que os trabalhadores tomassem a posse da construção econômica do país, para o qual tinham organizado comitês de fábrica para o controle da vida industrial. No fim, eram os sindicatos anteriores ao regime bolchevique, a expressão organizada das demandas e aspirações dos trabalhadores. E assim, em julho de 1917, na terceira conferência dos “sindicatos” que teve lugar em Petrogrado, havia 210 delegados representando uma central de 1.475.425 membros.

O advento da Ditadura do Proletariado se fez sentir em seguida nesses sindicatos. Fez-se uma adesão compulsória das organizações dos trabalhadores e todos

os que trabalhavam eram automaticamente registrados na União, obrigados a pagar, gostando ou não. A cota era de 3% e se descontava do salário diretamente, e dessa forma, o trabalhador russo tinha de manter as mesmas organizações, as mesmas que destruíam toda iniciativa e autogestão dos sindicatos russos.

O SOVIETE PAN-RUSSO

Os sindicatos dos Sovietes Pan-Russos consistiam de 120 membros. O comitê executivo central possuía onze membros, e quase todos tinham de ser comunistas para serem eleitos a esses cargos. O resultado é que os sindicatos se tornaram uma mera ramificação da maquinaria do Estado, controlados completamente e dirigidos por este. O membro ordinário não tinha voz nem voto nas atividades da organização e nem essas ocorriam sempre, a não ser àquelas vinculadas a facção bolchevique.

Se algum dos sindicatos se aventura a agir como um sindicato de verdade, fazendo-se entender que não importa o que os sindicatos do Oeste da Europa ou dos EUA façam, os sindicatos comunistas deveriam obedecer a lei, e se manter calados. Como exemplo, os padeiros de Moscou declararam greve em 1920 pedindo aumento da ração de pão. O governo não se preocupou muito pelo assunto. Simplesmente dissolveu o sindicato, expulsou suas cabeças e alguns membros mais atuantes foram presos. Os oradores mais proeminentes foram impedidos de fazer parte das reuniões do sindicato de exercer seus direitos.

A mesma tática foi usada em outras greves. Foi somente a “insolência” em fazer um comício que se convidou a comissão dos trabalhadores da Grã Bretanha. Naquele comício, Chernov, chefe dos Socialistas Revolucionários, e Dan, um proeminente menchevique, cometeram o imperdoável erro de dizer aos trabalhadores britânicos alguns fatos sobre os sindicatos e a situação do trabalhador na Rússia. Imediatamente depois disso, foram suspensos todos os oficiais do sindicato de tipógrafos e alguns deles foram levados aos cárceres. Em todos os jornais oficiais do país, se adjetivaram os tipógrafos de contrarrevolucionários, de traidores, e os denunciaram em tão duros termos que serviram para aterrorizar o resto dos trabalhadores do país.

É tão destruidora a tirania sobre os sindicatos que o mais insignificante protesto é qualificado como “falta de disciplina” e “um crime contra a revolução”. Durante as greves de Petrogrado em 1921, quando os operários da fábrica Baltic protestaram contra a prisão de 22 de seus membros, Antselovitch, presidente dos Sindicatos de Petrogrado, foi contestar para a Tcheca e, poucos dias depois, houve um assalto às fábricas

resultando em mais prisões de muitos trabalhadores. No fim, os sindicatos na Rússia bolchevique foram absorvidos completamente pelo Estado e não possuem outras funções do que fazer trabalhos policiais para o mesmo.

Naturalmente, tal situação não poderia durar muito tempo sem levantar o descontentamento dos trabalhadores, e em 1920, chegou o descontentamento a tal extremo que ameaçaram o governo colocando-o em uma situação difícil. No final de 1920 foram tratadas as questões referentes aos sindicatos e até surgiram algumas opiniões diferentes dentro do Partido Comunista sobre esse importante ponto.

Todos os chefes comunistas participaram da discussão que decidiria o destino dos sindicatos. Das teses apresentadas, descobriram-se quatro tendências de base. A primeira, a facção “Lenin-Zinoviev”, que defendia que os “sindicatos tem apenas uma função base na união dos trabalhadores”, ou seja, servir de escola para o comunismo. A segunda tendência, era representada por Rasanov e seus aderentes, que insistiam que os sindicatos deviam continuar funcionando como um fórum dos trabalhadores e seus protetores econômicos. A terceira facção era a de Trotsky, um gênio militar que não consegue pensar além de termos militares. Ele apresentou a tese de que os sindicatos chegariam a ser os gerentes e controladores das indústrias, mas que no momento atual, a administração dos sindicatos deveria ser feita por um sistema militar. A última e mais importante, foi a oposição dos trabalhadores encabeçada por Madame Kollontay e Schilapnikov que verdadeiramente apresentaram os sentimentos dos trabalhadores e estavam respaldados por eles.

REVOLTA DA OPOSIÇÃO

Esta oposição insistia que a neutralização dos sindicatos havia destruído o interesse dos trabalhadores na reconstrução econômica do país, e havia paralisado a capacidade de produção. Pediam a liberdade da população do jogo estatal burocrático e seus oficiais, e que dessem ao povo a oportunidade de exercitar as suas energias criativas. Mencionaram que na Revolução de Outubro se lutou para que o povo pudesse controlar a vida industrial do país, enfim, que a oposição trabalhadora, fosse um eco do protesto de descontentamento acumulado pela maioria. Em Petrogrado a influência de Zinoviev era tão potente que Trotsky tinha de lutar para conseguir permissão para falar no local comunista sobre as controvérsias. Trotsky havia criado tal clima que já estava prestes a acabar com o Partido Comunista. Mas Deus ama Lenin. Sempre que suas farsas tendem a se desequilibrar, o “Todo Poderoso” lhe envia apoio. A grande

inquietação dos trabalhadores e as numerosas greves de Fevereiro de 1921, e a insurreição do Kronstadt vieram a lhe servir. A unidade comunista haveria de mantê-las a todo custo. E assim, o “paizinho” chamou seus filhos, um a um, e lhes deu uma lição.

Lenin qualificou a oposição dos trabalhadores de “anarcossindicalista”, “ideologia da classe média”, por isso ordenou a sua supressão. Schliapnikov, um dos mais influentes da oposição que teria qualificado Lenin de “comissário incomodado”, foi calado tornando-o membro do Comitê Central do Partido Comunista.

Madame Kollontay foi detida por dar explicações sobre a opinião da oposição, que surpresa... Alguns expoentes menores da oposição ganharam hospedagem nas instalações da Tcheca e até Riasanov - um velho e comprovado comunista - levou uma suspensão de 6 meses nas atividades sindicais. Em relação a Trotsky, a quem Lenin desprezava no partido e o qualificava de “ignorante sobre marxismo fundamental”, fora enviado a Kronstadt para trazer a “paz de Varsóvia”. Lenin com seu justo e santo Zinoviev obtiveram, assim, a vitória. Os sindicatos se tornaram escolas do comunismo.

A nova política econômica vai rapidamente tomando forma. Os sindicatos são os primeiros a sentir seu efeito. Numa assembleia do Comitê Central do Partido Comunista, ocorrida em Moscou em dezembro de 1921, discutia-se sobre as funções dos sindicatos. Nomeou-se uma comissão que consistia com Lenin, Radzyutak e Andreye, para votar e preparar tal tese. Mais tarde, essa tese foi aceita por unanimidade, pelo Soviete Central Pan-Russo de todos os sindicatos.

Entre outras coisas, a tese contém o seguinte:

- 1) O alistamento obrigatório dos trabalhadores, as organizações dos trabalhadores, trouxe a deterioração burocrática dos sindicatos e tornando-os mal vistos pelas massas (por denunciar a mesma coisa, muitos trabalhadores foram denunciados como contrarrevolucionários e foram enviados para a Tcheca), sendo portanto, necessário estabelecer o alistamento voluntário nos sindicatos.
- 2) Os trabalhadores que se alistam nos sindicatos, não devem ser incomodados por causa da religião ou ideias políticas. Sombras das numerosas vítimas que foram apagadas por suas ideias políticas por serem diferentes do bolchevismo!
- 3) A reconstrução econômica da Rússia necessita da estrita concentração de poder nas mãos de um gerente, portanto, os sindicatos dos trabalhadores não devem pretender controlar as indústrias, contratadas ou da propriedade de capitalistas particulares.

É evidente que a política econômica, apoiada por Lenin, está abrindo as portas às novas complicações para os trabalhadores e gerando conflitos inevitáveis. O arranjo de

todos os conflitos que ocorrem está nas mãos de um “corpo poderoso” e fora dos sindicatos. A comissão de Lenin indicava que esta “alta autoridade para arbitrar as forçadas disputas não será outra do que o Partido Comunista da Terceira Internacional”. É evidente que a Internacional Comunista queria dizer: preservação do domínio do movimento dos trabalhadores da Rússia, enquanto que, ao mesmo tempo, ganhavam o controle do movimento dos trabalhadores do oeste europeu e da América.

Contudo, sobre a nova política econômica, os trabalhadores russos estão agora piores do que antes da Revolução.

A jornada de 8 horas, quase universal, na Rússia foi abolida há quatro anos. De acordo com o órgão oficial, Pravda, de Moscou, de dezembro de 1921, a situação é a seguinte: 695 plantas industriais, apenas 85 tem feito a jornada de 8 horas. Na maioria dos outros, o trabalho é de 9 horas. Em 44 estabelecimentos se trabalham de 10 a 12 horas, em 11 lugares, de 14 a 16 horas. Até crianças tem trabalhado em algumas jornadas de 12 a 14 horas. Os padeiros são os mais explorados e trabalham mais horas, ou seja, de 12 a 18 horas. Esta informação se refere a Moscou, a capital russa. Nas províncias acontece o pior. Os distritos mineiros trabalham de 16 a 18 horas. Nas fábricas de couros do estado de Viteosk, doze horas são normais. Nas áreas pesqueiras de Astrakhan, de acordo com seus representantes locais, na segunda conferência Pan-Russa de proteção do trabalho, a jornada de trabalho é de 14 a 16 horas.

A Revolução Russa, contudo, não tem sido completamente em vão. Tem arrancado muitas das noções antigas do povo russo, e o trabalhador já não é mais o escravo dócil que antes. Tem sido alimentado com pilherias da política, e já não acredita mais nelas. Agora que poderá misturar-se a seus companheiros nas organizações, não há dúvida de que usará dos meios mais diretos para conquistar seu posto.

Lenin e sua camorra vão cheirando o perigo. Seu ataque à oposição dos trabalhadores e anarcossindicalistas continua com intensidade. Será que a estrela anarquista se levantará no Leste? Quem sabe! Milagres acontecem na Rússia...

O TRABALHO OBRIGATÓRIO E INEFICIÊNCIA DOS GOVERNANTES

A mobilização pelo trabalho, na realidade, o assunto do trabalho foi anunciado ao mundo como o maior bem do comunismo. “Hoje, todos devem trabalhar na Rússia! Não mais parasitas!”. Mas Lenin nunca admitiu abertamente que esse método, como tantos outros decretados para reconstruir a Rússia, é um erro, e estou inclinada a pensar

que ele acreditava que a questão do trabalho não foi outra coisa do que incrementar a “produção” nos próprios trabalhadores.

O que ele fez foi estabelecer, como existia, a escravidão e incorporar a burguesia parasita pela maquinaria do parasitismo bolchevique. Sua obra foi obrigar as pessoas a trabalhar até o limite da fadiga, passar por cima deles nas tarefas, prendê-los e às vezes fuzilá-los pela deserção de seus trabalhos. Como a maioria dos trabalhadores, eles vão às fábricas não para trabalhar, mas sim para descansar e fabricar alguns artigos secretos, que suas esposas e filhos poderão trocar no campo por farinha e suprimentos. Isto, incidentalmente, os salvou da inanição.

A respeito das oportunidades de trazer algo do campo, se poderia escrever um livro sobre esse tema. Com as proibições de comércio, veio a “zagregaditelmy stryad”, o destacamento de soldados e tchekistas em cada estação para confiscar todo artigo trazido, por particulares à cidade. Os infelizes, que depois de tantas dificuldades sem dinheiro para conseguir um passe de viagem, depois de dias e semanas de perigos nas estações, ou debaixo de tetos e plataformas, traziam uma libra de farinha ou suprimentos, terminando expropriados pela stryad.

Em muitos casos, o material confiscado era dividido entre os próprios defensores do Estado Comunista. As vítimas se sentiam afortunadas, caso escapassem sem castigos. Frequentemente se roubava seus preciosos pacotes e eram jogados na cárcere por “especulação”. O número de verdadeiros especuladores presos eram insignificantes perto da horda de desgraçados que chegaram às prisões da Rússia por se defenderem da morte por inanição.

Uma coisa não se pode dizer dos bolcheviques: que não faziam suas coisas pela metade. A lei do trabalho obrigatório se efetivou por vingança. Homens e mulheres, velhos e jovens, apenas vestidos e com toscos sapatos, com uns trapos nos pés, foram indistintamente lançados ao frio e à geada para varrer a neve e cortar o gelo. De quando em quando, eram mandados às florestas para cortar madeira. Tudo isso resultava em pleurisia, pneumonia e tuberculose. Foi só então que os tontos do Kremlin criaram um novo departamento para a redistribuição do trabalho. Esse “bureau” decidia segundo as aptidões físicas dos trabalhadores, classificando-os e distribuindo-os segundo seus trabalhos.

Sobre tais condições, degradantes e escravizadoras, não é raro saber que os trabalhadores fizessem péssimos trabalhos porque o odiavam, e os meios pelos quais os faziam trabalhar. Começaram a ver o Estado Comunista como uma nova sanguessuga

que lhes chupava os líquidos de sua vida. Os trabalhadores de Petrogrado, os mais revolucionários, aqueles que sustentaram o esforço da larga luta, os que defenderam tão heroicamente a cidade, contra Judenitch, que morreram de fome e de frio pelos ideais, que maravilha! Também louvavam os falsos revolucionários e tudo se conectava a eles.

Não é culpa deles, a cruel máquina bolchevique minou a sua fé e seus ideais. Essa máquina tem engendrado um sentimento contrarrevolucionário que demorará muito tempo para desaparecer. Não me esquecerei de uma cena, uma reunião no Soviete de Petrogrado. Nessa noite deveria se decidir o destino de Kronstadt. Depois de grandes discursos dos dirigentes comunistas, fala então um trabalhador dos arsenais. De frente para a mesa e de costas para o auditório, sua voz se estende com emoção contida, seus olhos lacrimejam e sua figura é vibrante. Dirige-se ao presidente do Soviete de Petrogrado, Zinoviev:

Faz 3 anos e meio, como diz, você foi denunciado como espião alemão, traidor da revolução, hostilizado e perseguido. Nós, trabalhadores e marinheiros de Petrogrado o salvamos e o levamos ao posto que você ocupa agora. O fizemos porque acreditamos que você fosse a expressão do povo. Desde então você e seu governo se tem afastado de nós. Agora, de lá, nos gritam nomes insultantes, ousam nos chamar de contrarrevolucionários. Você nos fuzila e nos encarcera porque pedimos que cumpra a promessa que nos fez na Revolução de Outubro.

Não sei o que aconteceu a este homem. Pode estar preso ou morto por seu atrevimento. Seu grito caiu em ouvidos alheios. Contudo, foi o grito de um espírito agonizante, o espírito da Rússia coletiva que aspirou e conseguiu tal altura na Revolução e que foi novamente encarcerado pelo Estado Bolchevique.

ARTIGO III

O ESPÍRITO DE MARIA SPIRIDINOVA SEGUE VIVO

A Rússia antes da Revolução se mantinha única na história mundial pelo grande número de mulheres que contribuíram ao movimento revolucionário. Começando com os dezembristas, cujas esposas os seguiam, já quase um século, à deportação, até a última hora do regime do Czar, a mulher russa participou na mais heroica atividade e foi ao suplício e à morte com sorriso nos lábios. Entre o grande número delas, uma das figuras mais notórias é Maria Spiridinova.

Entre 1905 e 1906, existia uma grande intranquilidade entre os camponeses russos. Na Província de Tambolv, os camponeses, exasperados pelo excessivo imposto e a brutalidade dos oficiais, se levantaram contra seus opressores e atearam fogo em algumas fazendas. O governador de Tambolv, Luzhenovsky, muito conhecido por sua barbárie, chegou com seus cossacos e obrigou os camponeses a se despirem e ficarem horas na neve e outros foram alinhados e fuzilados sumariamente. Maria Spiridinova foi uma jovem que fora contatada pelo seu partido, os Socialistas Revolucionários, para que matasse Luzhenovsky, pelo tratamento que aplicara aos camponeses. Era um trabalho duro. Luzhenovsky estava sempre bem vigiado pelos seus cossacos. Ele tinha aterrorizado a população e confiscado todas as provisões, sustentando a guerra com o Japão. Mas todas estas dificuldades não desviaram Spiridinova da sua meta. Disfarçada de camponesa, seguiu Luzhenovksy. Ela aparecia nas estações de ferroviários e em todos os caminhos, “buscando”, como ela dizia, “seu esposo, soldado que havia desaparecido”. Apesar do iminente perigo e privações, seguiu sempre o cerco ao governador até que a oportunidade surgira. Quando o trem que levava Luzhenovsky pisava na plataforma, rodeado de seus oficiais, Maria rompeu o cordão de seguranças que o separava e matou-o a tiros.

Os czares nunca foram parciais sobre o trato com as mulheres políticas. Perseguiam sanguinariamente tanto homens como mulheres, mas no caso de Maria Spiridinova, os acólitos do Czar Nicolau, sobressaíram dos métodos de Ivan, o Terrível. A sujeitaram às barbaridades inexplicáveis, arrastando-a à sala de espera da estação e a acoitaram até perder os sentidos. Arrancaram seus vestidos e a entregaram à soldadesca. Estes se entreteriam em queimá-la com cigarros, chutando-a e ultrajando-a. Várias semanas esteve entre a vida e a morte, até que foi sentenciada à pena de morte.

A notícia da tortura imposta a Spiridinova horrorizou o mundo e levantou protestos que a salvaram do patíbulo. Foi enviada à Sibéria sob pena de prisão perpétua, chegando - segundo diz Gershuni – como uma “massa de carne viva”. Na prisão, seus companheiros a cuidaram com carinho, devolvendo-a à vida. Mas a horripilante experiência a deixou tuberculosa, inútil de uma mão e sem uma visão, mas seu espírito ainda continuava em chamas.

A Revolução de Fevereiro abriu a sepultura para todos os presos políticos russos, e entre eles, Maria Spiridinova. Quem poderá descrever a sua alegria quando soube da sua liberdade? E apesar disso, fez questão de assegurar que até o último preso político fosse solto. Assim, ela explodiu a prisão com dinamite. Entre a aclamação do povo, Maria Spiridinova voltou à Rússia, mas não para viver em um palácio invernal, não para festejar e descansar sobre seus louros. Ela voltou para lançar-se entre o povo camponês, especialmente aos que a veneravam. Chegou a ser presidente do Comitê Executivo do Soviete Pan-Russo dos representantes camponeses. Como tal, inspirou, organizou e dirigiu o despertado espírito e as atividades dos camponeses. Ao contrário de muitos outros, que por vários anos, haviam fertilizado o terreno revolucionário com suas lágrimas e com seu sangue, mas apesar disso, não tinha compreendido o novo espírito, a qual Maria Spiridinova se deu conta, de pronto, que a Revolução de Fevereiro era tão só o prelúdio de uma mudança maior.

Quando veio a Revolução de Outubro como uma avalanche que levava muitos antigos revolucionários, Spiridinova permaneceu firme em sua fé revolucionária e ao lado do povo na hora mais crítica. Trabalhando dia e noite ao serviço de seus amados camponeses. Ela era a alma do Departamento de Agricultura e elaborou um plano para a socialização das terras, um dos problemas de maiores importâncias naquele tempo. Seu corpo débil se mantinha apenas por sua grande vontade naqueles momentos fatídicos.

Em 1918, Maria Spiridinova já havia percebido que a revolução corria mais perigo nas mãos de seus amigos do que de seus inimigos. Os bolcheviques passaram o rodo em todos e chegaram ao poder com o lema copiado, em parte, dos anarquistas e foram para outro caminho. O primeiro passo foi o Pacto de Brest-Litovsky. Lenin insistiu na ratificação daquele “tratado de paz” tão só para que a revolução tomasse “fôlego”, mas Maria Spiridinova, assim como outros revolucionários de diferentes escolas, para quem a revolução não era apenas uma experiência de laboratório de experimentos políticos, se colocou contra a ratificação. Eles entendiam que a ratificação era uma traição à Ucrânia, que então, com grande entusiasmo, rechaçava a invasão

alemã da parte sul da Rússia. Mantinham também que tal proceder significava a dominação completa do povo russo pelo partido bolchevique e a supressão de todos os demais movimentos políticos, o que levaria a uma guerra civil. O descanso que Lenin pretendia, era o fim da revolução.

PRINCÍPIO DO CALVÁRIO

Naquele tempo, Trotsky e muitos outros comunistas, eram opostos à paz de Brest-Litovsk. Eles também tinham percebido o perigo que os ameaçava, mas foram obrigados a aceitar por razão da disciplina do partido. Lenin ganhou o dia, e aqui começou o calvário da Revolução Russa.

Quando estava na América, tinha ouvido histórias confusas de Maria Spiridinova na Rússia, mas em minha chegada, rapidamente me informaram que Maria estava internada com problemas nervosos, que histeria teria a levado e que estava convalescente em um sanatório, “para seu próprio bem e onde recebia os melhores tratamentos”. Mas quando a vi pessoalmente, em julho de 1920, ela vivia ilegalmente em Moscou em uma pequena habitação, disfarçada de camponesa, como no tempo do Czar, pois havia fugido do “sanatório e dos melhores tratamentos”, que era na verdade, uma prisão bolchevique. Não encontrei nenhum traço de histeria nela, pelo contrário, estava serena e uma das mais firmes que havia encontrado na Rússia. Durante o dia, me cativou com as histórias da Revolução Russa e de como as sublimes possibilidades do povo haviam sido destruídas pela maquinaria do Estado Comunista. Foi uma exposição clara e convicta. Soube então que duas vezes tinha sido presa pelos bolcheviques. A primeira vez, depois da morte de Mirbach, quando os bolcheviques fecharam o Quinto Congresso do Soviete e prenderam todos os Socialistas Revolucionários de Esquerda, dirigidos por Spiridinova. Colocada em liberdade depois de cinco meses, foi presa mais uma vez, nos fins de janeiro de 1919 e trancada no “sanatório”, não porque estava histérica ou por debilidade mental, mas sim porque não se deixava subornar nem aceitava a chamada “Ditadura do Proletariado”. Ela falou francamente ao povo sobre os perigos que acarretaria a nova política dos bolcheviques, e o povo a ouvia com atenção.

Spiridinova expôs que os bolcheviques pretendiam fazer e mostrava ao mundo o que a bestial perseguição dos Socialistas Revolucionários de Esquerda se seguia à morte de Mirbach, causada por tentarem usurpar o poder do governo. Ela negou veemente isso - e suas palavras são provadas por evidências documentais - de que seu partido não havia tentado nunca usurpar o poder comunista. O partido de Spiridinova considerava a

Paz de Brest-Litovsk como uma traição à Revolução, e a considerava uma ameaça imperialista. Pediam abertamente a morte de Mirbach e um levante contra a invasão alemã. Predicavam abertamente suas crenças, mas nem Spiridinova e nenhum outro de seus companheiros tinham conhecimento do complô para usurpar o poder.

A TCHECA SE FAZ ATIVA

Depois da morte de Mirbach, a mesma Spiridinova veio à sessão do Quinto Congresso Pan-Russo com o propósito de ler a declaração oficial de seu partido que explicava a necessidade e justificação da morte de Mirbach. Ela e seus companheiros estavam dispostos a aterm-se às consequências de seus atos. Os bolcheviques frustraram a leitura do dito documento fechando o Quinto Congresso, e prendendo a representação completa de todos os camponeses, com Maria Spiridinova à frente. Em setembro de 1920, a Tcheca voltava a provar as suas proezas com um assalto que ocorreu em Moscou, descobrindo acidentalmente o esconderijo de Maria Spiridinova. Esta estava com tifo e não podia se mudar. A casa foi rodeada pelos guardas e não permitiam que ninguém a visitasse. Quando passou a crise, levaram-na para Ossoby Otdell (Estação da Polícia Secreta) e a colocaram no hospital da prisão. Seu estado era tão grave que finalmente deixaram uma velha amiga da Sibéria dar-lhe assistência, mas a mantiveram em total reclusão, sem nenhum contato com o exterior. Em junho de 1921 recebemos uma carta da prisão em que descrevia sua miserável vida: a guarda constante dos “camaradas”, os tchekistas, o cárcere solitário, a privação de alimento mental e físico, conseguindo o que a tortura do czar não conseguia. Se apoderando dela o escorbuto, as pernas inflamaram, os dentes e cabelos caíram, e lhe foi tomada por uma alucinação de que os agentes do Czar e da Tcheca de Lenin a perseguiam.

Numa ocasião, tentou morrer de fome. A Tcheca ameaçou alimentá-la à força, mas foram convencidos por dois companheiros presos dela que poderiam fazê-la comer. Durante os dois congressos que ocorreram em Moscou em 1921, os companheiros de Spiridinova circularam um manifesto que foi enviado ao Comitê Central Comunista e aos principais representantes do governo expondo as míseras condições de Maria Spiridinova e demandando sua soltura com a intenção de prestar os cuidados de saúde necessários. Uma proeminente estrangeira, delegada para o Terceiro Congresso da Internacional Comunista, ouviu de Trotsky que Spiridinova era muito perigosa para ser colocada em liberdade. Foi então que surgiu, na imprensa Socialista Europeia, um relato do grave quadro de saúde, fazendo com que a soltassem sob condição de voltar assim

que estivesse com a saúde melhor. Os amigos que cuidam dela agora estão entre, deixá-la morrer ou retorná-la à prisão. Existe uma forma de salvá-la e seria tirá-la da Rússia. Seus amigos pediram essa oportunidade ao Governo Bolchevique, mas até agora tem sido em vão. Em 1906, os protestos do mundo civilizado salvaram Maria, e é muito trágico que atualmente outro protesto semelhante seja necessário para salvá-la. Fora o cerco da Tcheca e dos desastres da Rússia, Maria Spiridinova poderia recobrar a sua saúde. Já sofreu umas cem mortes. Se permitirá voltar à vida?

AS ESCOLAS DOS “DELITIVOS MORAIS” E AS PRISÕES

Somente vi uma criança sorrir. O aniquilamento paulatino das crianças pela fome, da qual fui me informando aos poucos, era o método geral usado nos reformatórios infantis. A princípio duvidei disso, mas as provas eram tão evidentes, que no fim, tive que me convencer de tais fatos. No Hotel Astoria, a “Primeira Casa dos Sovietes”, num habitação próxima da minha, havia uma mulher com dois filhos. Era comunista, contudo lutou fortemente contra o método do reformatório, trabalhava em várias instituições de crianças e não só corroborou com a péssima condição em que encontrei a escola de “Kroversky Prospect” como me levou para outras onde prevaleciam tais métodos.

Minha vizinha contou o que havia ocorrido com seus próprios filhos, um menino de três anos e uma menina de nove. Ambos foram colocados em uma colônia. A mãe enviava mantimentos devido ao pouco que lá lhes davam. Aos seis meses, ambos adoeceram e tiveram que trazê-los de volta à pequena habitação em que viviam. A menina foi atacada por terríveis erupções cutâneas, e o menino foi quase consumido. Ambos foram diagnosticados pela péssima alimentação. Fiquei amiga dessa vizinha e me informei do estado das crianças, podendo ver que, embora os bolcheviques fizessem o que podiam pelas crianças, seus esforços eram derrotados pela parasita burocracia que eles mesmos tinham criado. Sobretudo, tinham a noção destrutiva de que até as crianças tinham de ser usadas para as propagandas. A escola “exemplo” resultava em uma influência diabólica, especialmente com as crianças. Invadiam a mente das crianças com um sentido de injusto sentimento. E através desses “exemplos”, as escolas eram usadas como propaganda no estrangeiro. As populações de crianças na Rússia eram abandonadas como são abandonados os filhos dos trabalhadores em todo o mundo. Os privilegiados recebem as vantagens onde quer que estejam, e na Rússia não foi diferente.

Eu disse no princípio que havia me alarmado quando me informaram que se ilhavam as crianças como “ladrões e delitivos morais”, e acredito que esse proceder se dá pela antiquada noção dos médicos responsáveis do Hotel Europe. Porém, um artigo oficial no Pravda e também várias conversas que tive com comunistas proeminentes entre os quais Máximo Gorky, Madame Lilina e outros, me convenceram de que todos eles acreditavam na “moral inerente depravada”. Até alguns pedagogos proeminentes aconselharam a prisão para os “delitivos morais”, mas isso era muito para Lunacharsky, Comissário da Educação, Gorky e outros elementos mais progressistas, a quem os bolcheviques obstinados qualificavam de “sentimentalistas”. Lunacharsky lutou contra a bárbara proposição e afortunadamente teve êxito, mas contudo, em setembro de 1921, ainda havia 200 jovens, entre eles um menino de oito anos na prisão de Taganka em Moscou.

Estou certa de que nem Lunacharsky nem Gorky estavam cientes disso, e aqui se fecha o círculo vicioso que faz impossível que duas cabeças saibam o que seus subordinados fazem. As crianças na prisão de Taganka foram descobertas pelos prisioneiros políticos que foram enviados à dita prisão. Estes denunciaram o fato aos seus amigos em liberdade, e notificaram a Lunacharsky, sendo finalmente removidos da prisão.

Contudo, as escolas e as colônias para os delitivos, não são melhores do que as prisões. Uma investigação feita pela juventude comunista descobriu casos horripilantes nessas escolas em Petrogrado. O informe foi publicado no Pravda de Petrogrado, em maio de 1920 e confirmada pelos assistentes do reformatório, dizendo que o aumento de guardas se dava pelo uso das rações que seriam para as crianças e para outros métodos de corrupção e ineficiência. Por exemplo, o comitê descobriu que na escola de 125 rapazes, havia 138 guardas, em outra de 25 jovens, 38 guardas. E isso não eram exceções. O relatório ia além, mostrando que os jovens estavam abandonados, vestidos de trapos sujos, dormindo no lixo e suas camas não tinham nenhuma roupa. Muitas crianças eram castigadas fechando-as nos quartos escuros durante a noite, outras sem jantar e algumas eram maltratadas. Esse informe causou um grande frenesi nos oficiais.

Foi realizada uma investigação, assim como nos EUA, mas que não levava a nada e tudo era encoberto. A juventude comunista foi duramente advertida e que seu informe teria sido “exagerado”. Tal artigo não deveria ser publicado e era uma propaganda de contrarrevolucionários, etc. Discuti o assunto com alguns comunistas, assombrada que tais coisas aconteciam na Rússia comunista, e recebi as rotineiras

respostas: “falta de subordinação e eficiência dos trabalhadores”. Ofereci-me para trabalhar com os “delitivos morais” e me orientaram procurar a “camarada Lilina, a qual se deleitaria em me aceitar”.

Uns dias depois, recebi a visita da camarada Lilina, uma mulher frágil de feições duras, a típica Madame das escolas de New England, de uns 50 anos atrás. Ela me assegurou que estava intimamente familiarizada com os melhores métodos da pedagogia e da fisiologia, ao que me atrevi a lhe dizer que não estava de acordo com as teorias antiquadas da “moral depravada” das crianças e que não existia educador moderno que acreditasse nelas, de que as crianças delitivas não deviam nem ser marcadas como delinquentes. Expliquei os métodos modernos e dos experimentos feitos na América por Juez Lindsey e por outros que tem repudiado a concepção moralística do pecador e do santo. “Ah, se tudo isso é muito bom para uma nação capitalista onde abunda mantimentos e as demais necessidades da vida, mas na Rússia faminta, ‘os delitivos morais’ são os resultado inevitáveis de uma guerra longa e é necessário tomar precauções”.

Durante meus quatro meses de viagem pela Ucrânia, tive ampla oportunidade de visitar, extraoficialmente, as escolas infantis, internatos e colônias, e em todos os lugares, encontrei a mesma condição: uma escola “exemplo-modelo” com crianças bem nutridas e bem cuidadas, mas nas demais instituições, crianças famintas. Muitas vezes encontrei homens e mulheres que lutavam com vigor contra a máquina burocrática, e defendiam sinceramente os interesses das crianças, mas tudo em vão, pois no fim, eram eliminados pela poderosa máquina.

Vi isso acontecer em Moscou, um pouco antes de eu sair. Em certo distrito existe uma “creche” (escola) muito bem equipada e organizada, talvez a melhor que vi em toda Rússia. A diretora era uma mulher um pouco diferente, uma idealista e educadora de longa experiência, trabalhadora incansável. Demonstrou-se fortemente contra o reformatório. Não tirava de Pedro para dar de comer a João, não tratava de subornar os oficiais de baixa patente do subdepartamento.

Como de costume, se estabeleceu uma campanha contra ela, sendo o líder, o médico da instituição, um comunista. Foi acusada de tudo, sem nenhum fundamento. Mas a maquinaria não parou até expulsá-la, deixando-a sem habitação, com um filho de quatro meses. Isso ocorreu em novembro, e o tempo estava excessivamente frio e úmido, e, contudo, a mulher que lutou por uma creche melhor, era expulsa dela. Não saiu enquanto não conseguisse um local para ficar e lhe deram um quarto pequeno e

escuro num sótão de um edifício. Naquela tumba, seu filho adoeceu e ainda sofre desde então. Saberá Lunacharsky desses casos? Não podemos negar que alguns casos sim, mas se encontra muito ocupado com “assuntos importantes do Estado”, e não pode ocupar-se com semelhantes “pequenices”. Durante meus dois anos na Rússia, visitei muitas instituições e encontrei poucas crianças felizes. Durante todo o tempo não tinha visto mais um sorriso de felicidade em um arcanjo. Em outra ocasião, poderei escrever sobre esta criança, mas em geral, as crianças das instituições bolcheviques, me causaram a impressão daqueles velhos, sem cor, que se encontram nos asilos de órfãos.

*** O presente conteúdo faz parte da compilação de 10 artigos escritos por Emma Goldman para o jornal *New York World*, publicados no ano de 1923, em que a autora retrata a decepção frente ao que viu e viveu durante sua passagem pela Rússia dominada pelos bolcheviques. Esta versão foi extraída de “Diez artículos publicados en The World” da *Revista Quincenal*, traduzidos e editados por Aurora, Barcelona, 1978. A versão em português foi editada e traduzida por Pablo Mizraji, 2017.**